

Solidariedade e morte: Matriz de Camaragibe-AL (1950-1970)

Messias Bernardo da Silva*

Palavras-chave:
Solidariedade
Morte
Relato

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida na Mata Sul Pernambucana e Norte da Alagoas, que tem como objetivo pensar e historicizar as práticas fúnebres nessas localidades entre os anos de 1860 e 1920. Buscando pensar que a morte não é um evento único e homogêneo e que no período pesquisado ela foi vivenciada de forma extremamente complexa e multifacetada onde o sagrado e o profano se aproximavam de maneira, muitas vezes, a se confundir. Uma morte vivenciada, ritualizada por ritos não institucionalizados, uma religiosidade criada muitas vezes a partir da falta, ou seja, da ausência de líderes religiosos (padres/pastores) na condução a uma “boa morte”.

Keywords:
Solidarity
Death
Reports

Abstract: This article is part of a research I have been developing on the south Mata Pernambuco and Alagoas the North, which aims to reflect and historicizing the burial practices in this locality between the years 1860-1920. Seeking think that death is not a single homogeneous event and that it was in the period surveyed experienced extremely complex and multifaceted way in which sacred and profane approached so often to blur. Experienced a death, ritualized rites by non-institutionalized, a religiosity often created from the fault, ie, the absence of religious leaders (priests / pastors) in conducting a “good death”.

Recebido em 15 de outubro de 2014. Aprovado em 23 de dezembro de 2014.

O texto que segue é parte de uma pesquisa que venho desenvolvendo na Mata Sul de Pernambuco e Norte das Alagoas, que tem como objetivo pensar e historicizar as práticas fúnebres nessas localidades entre os anos de 1860 e 1920. Buscando pensar que a morte não é um evento único e homogêneo e que no período pesquisado ela foi vivenciada de forma extremamente complexa e multifacetada onde o sagrado e o profano se aproximavam de maneira, muitas vezes, a se confundir. Uma morte vivenciada, ritualizada por ritos não institucionalizados, uma religiosidade criada muitas vezes a partir da falta, ou seja, da ausência de líderes religiosos (padres/pastores) na condução a uma “boa morte”. Este artigo, contudo, em alguns momentos vai além do recorte espaço/tempo acima proposto, uma vez que ele é parte do meu trabalho de conclusão de curso, que tinha como objetivo pensar e historicizar a morte em Escada, estado de Pernambuco, e Matriz de Camaragibe, no estado de Alagoas, na segunda metade do século XIX e segunda metade do XX, partindo dos pressupostos acima.

Sendo assim, vamos perceber ao longo do texto que a distância entre os líderes religiosos e seus fiéis foram fatores fundamentais para que a sociedade estudada criasse ritos que se distinguiam da religiosidade cristã (católicos ou protestantes). Ritos fúnebres que chamavam a atenção, primeiro, pela rede de solidariedade que cercava o moribundo, solidariedade que partia da família, dos amigos, dos comerciantes, das jovens da vila que saíam em busca de alimentos e bebidas quentes para animar e manter as pessoas ativas durante toda a noite, velando o morto.

Os ritos fúnebres, vivenciados pela sociedade aqui estudada estão muito aquém do imaginário cristão contemporâneo, onde a morte é vivenciada de forma extremamente dramática, com lamentações por toda parte, onde o moribundo é relegado a um quarto de hospital ficando a mercê de pessoas especializadas. Diferente da sociedade aqui analisada, onde participar do processo de morte e morrer no período aqui estudado era participar de um universo festivo com

* Graduado em história pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul e Especialista em Ensino da História do Brasil pela Faculdade Integrada da Vitória de Santo Antão.

danças, algazarras, muita “pinga”, como diz o senhor Aníbal, e rezas a noite inteira. A morte era o momento onde o sagrado e o profano se amalgamavam e se confundiam.

Para tanto, tomamos como metodologia para esta pesquisa, e especificamente para este recorte espaço/tempo estudado, a história oral, pois acreditamos que ela é “um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2008, p. 164). E que, “ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (THOMPSON apud MARIA; RIBEIRO, 2007, p. 192).

É esta a nossa pretensão, através da história oral conhecer as múltiplas práticas que permearam a mentalidade da sociedade estudada frente ao processo de morte e morrer no período abarcado por este projeto, pois, como escreve Oliveira (apud MARIA; RIBEIRO, 2007, p. 192),

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, as questões sociais neles presentes.

Em busca desses aspectos individuais, e ao mesmo tempo coletivos, que são as práticas em torno do processo de morte e morrer em Matriz de Camaragibe na segunda metade do século XX, a história oral será utilizada aqui como um método e não como uma técnica, pois como técnica “a História Oral é subsidiária de outra fonte. Comportando-se, no entanto, como recurso importante para completar falhas ou lacunas constantes de outra documentação” (MARIA; RIBEIRO, 2007, p. 1994). Já na acepção de método, a História Oral tem:

[...] o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes. Como método, configura-

se, então, como o fundamento da pesquisa com procedimentos claros. As fontes orais, pelo valor que possuem não devem ser tratadas apenas como um documento a mais: “Se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente ‘como um documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado”. (MARIA; RIBEIRO, 2007, p. 1995).

Tomando como pressupostos o método elencado acima e o objetivo citado anteriormente, a escolha do espaço tempo é estratégica, pois é um período em que a Vila Matriz de Camaragibe começa a tomar ares de cidade e que os discursos acerca da emancipação estão sendo propagados por uma parte da sociedade ora em estudo. Consequentemente é o período em que a Vila Matriz de Camaragibe se emancipa politicamente de Passo de Camaragibe¹. Em meio a essas mudanças políticas e sociais que estavam ocorrendo, um dos aspectos que nos chamou a atenção é que a comunidade da Vila Matriz de Camaragibe não tinha um padre, um líder religioso próprio, ficando a mercê da boa vontade do vigário da paróquia de Paços de Camaragibe. Sendo assim, tomando como base a historiografia da morte no Brasil, uma questão passou a nos provocar, qual seja: se a morte foi vivenciada no Brasil com certa preocupação por parte da Igreja, que a todo o momento estava alertando seus vigários a visitarem seus fiéis, e com a falta de assistência deste que práticas, que ritos foram criados, como a sociedade matrizense fez para tentar salvar o moribundo e ela mesma das garras dos espíritos errantes que ficam a vagar após a morte do moribundo, segundo as crenças cristãs da época, quando estes não recebiam assistências e os remédios espirituais para adentrar o outro mundo de forma perfeita e eficaz?

Através dos relatos sobre a morte percebemos que a falta de um líder religioso para dar assistência à comunidade de Matriz, contribuiu para tornar as práticas em torno do processo de morte e morrer nessa região extremamente atraente para um aspirante a historiador e para o leitor curioso, pois o cuidado para com o moribundo, como foi já explícito acima, tecia uma rede de relação extraordinária, praticamente toda a comunidade participava desse momento ímpar do processo de desenvolvimento humano, procurando ajudar da melhor forma possível o moribundo e sua família, seja através

de atividades domésticas, seja através de cânticos e rezas.

Os cuidados com os preparativos para o funeral de uma pessoa em Matriz de Camaragibe, AL, no período estudado iniciavam com o moribundo ainda em vida. Isso se dava pelo fato da cidade no período está submetida a uma situação de pobreza extrema. Portanto, era uma prática rotineira durante o processo de morte e morrer de um morador de Matriz, as pessoas, principalmente parentes, amigos e vizinhos, solidarizarem-se com o moribundo e sua família oferecendo-os apoio de toda ordem, principalmente no tocante aos preparativos com o enterro.

De acordo com a senhora Arlete Mendonça, sempre que a população de Matriz de Camaragibe tomava conhecimento de que um morador estava gravemente doente, já à beira da morte, em seus últimos momentos de vida as pessoas passavam a fazer visitas diárias ao moribundo e a seus familiares, inclusive passavam a ajudar nas tarefas domésticas da família do enfermo. No sentido de fazer com que o moribundo passasse seus últimos momentos de vida no quarto na companhia de familiares e amigos para que pudesse se despedir. Amigos e parentes eram avisados e vinham de todas as partes da região².

A comunicação do estado de saúde do moribundo ou da sua morte aos familiares e amigos que moravam distantes, em especial nos engenhos que rodeavam o povoado de Camaragibe, era feita por familiares ou um amigo próximo³, que na maioria das vezes realizava o trajeto até as fazendas a cavalo, e aquela família que por motivos econômicos não possuía cavalos o percurso era feito a pé. Logo que o doente morria a preocupação dos vivos era preparar o defunto para o velório e o funeral. Como relatou a Senhora Mendonça:

Era comum em praticamente toda família possuir em casa um banco de madeira em casa e sempre que uma pessoa morria a família colocava o corpo em cima do banco coberto com um lençol enquanto se providenciava o caixão e a mortalha para o velório. Logo que uma pessoa morria a família dava banho, fazia a barba se tivesse grande e cortava o cabelo caso fosse necessário⁴.

Em Matriz de Camaragibe, no período estudado, a morte era um evento conjunto onde fé e solidariedade se confundiam para proporcionar uma boa morte ou uma morte bonita ao moribundo. O ideal era que muita gente cercasse o morto de cuidados, que, segundo a crença

vigente, eram de suma importância para a salvação da alma do mesmo. Por isso, cortava-se cabelo, barba e unhas. Era feita uma grande mobilização concentrada em providenciar o caixão e a mortalha para iniciar o velório e o enterro. A grande maioria dos moradores da cidade era pobre e trabalhava no campo e não tinham condições de comprar o caixão e, conseqüentemente, pagar pelos preparativos para o funeral, chegando muitas vezes o morto a ser levado em redes ou no Caixão da Intendência ou Caixão da Misericórdia para o cemitério local⁵.

O Caixão da misericórdia em grande medida era rejeitado pela família do morto e pela própria sociedade que via no seu uso uma falta de respeito e compaixão pelo mesmo. Como o caixão pertencia à prefeitura, logo após o enterro o caixão era largado no cemitério sem receber nenhum cuidado relacionado com a limpeza, e como ele não era limpo as pessoas se recusavam a utilizá-lo, para enterrar seus parentes e amigos.

A fim de oferecer uma partida digna e cristã ao moribundo, a sociedade matrizense, segundo dona Arlete Mendonça, mobilizava-se e através de um grupo de jovens, formado apenas por mulheres, era realizada uma campanha no comércio local para comprar o caixão e a mortalha. À medida que elas iam arrecadando dinheiro para a compra do caixão, aproveitavam o ensejo para arrecadar donativos como pão, bolacha, café e cachaça para o velório e sentinela, como, procura descrever dona Arlete Mendonça:

Na maioria das vezes em razão das pessoas serem muito pobres realizamos uma campanha de arrecadação de dinheiro feita por um grupo de jovens entre 13 e 15 anos de idade formado por garotas, todas, filhas de comerciantes, autoridades e políticos da cidade para poder comprar o caixão. Caso contrário, utilizava-se o caixão da intendência, caixão público pertencente ao cemitério local que já existia na cidade desde 1921. As pessoas se recusavam a utilizarem o caixão da intendência para enterrar seus mortos pelo fato do mesmo ter uma forte fedentina, pois após o uso o caixão não era lavado e nenhum procedimento de limpeza era realizado⁶.

Portanto, percebe-se que os últimos momentos do moribundo na segunda metade do século XX em Matriz foram marcados por uma forte relação de proximidade entre vivos e mortos e a solidariedade na hora da morte constituiu um elemento predominante

como se evidencia a partir das práticas em torno do processo de morte e morrer.

A rede social mobilizada em Matriz de Camaragibe no período estudado reforça a solidariedade para com a família do moribundo e seus familiares no processo de morte e morrer. A ideia de uma boa morte estava arraigada no imaginário das pessoas carentes, ou seja, aquelas pessoas menos abastadas da sociedade matrizense do período estudado, pois, segundo os entrevistados, as pessoas mais abastadas da Vila Camaragibe, constituíam um grupo fechado, restrito a pessoas com o mesmo poder aquisitivo. Sendo assim, a morte se apresenta como o retrato da sociedade estudada mostrando as suas diferenças e nuances sociais.

As diferenças sociais em torno do processo de morte e morrer no período e espaço no qual foi realizada esta pesquisa, em grande medida, eram notadas desde o início da enfermidade de um moribundo e se dava até os últimos instantes de vida e enterro do mesmo. Tais diferenças indicavam a situação financeira do morto, a começar pelos cuidados com o tratamento da doença e a forma com que as pessoas mais simples da cidade lidavam com a situação.

Por exemplo, como se evidencia no relato de Mendonça, entre as pessoas mais abastadas da vila as visitas, que entre as classes populares eram frequentes, eram muito restritas a parentes e a amigos muito próximos e apesar da vila ser pequena nem todos os moradores de Matriz de Camaragibe ficavam sabendo da enfermidade de uma pessoa rica, que normalmente eram tratadas e acompanhadas por um médico⁷.

Dessa forma, a população só tomava conhecimento da situação após o falecimento do moribundo. Diferentemente das pessoas comuns que recebiam visitas constantemente de amigos, vizinhos e conhecidos em suas residências. As mesmas eram tratadas com ervas medicinais, chás de diversas plantas da região e uma espécie de coquetel feito de ervas e plantas, conhecido popularmente como garrafada. Além de todos os parentes, amigos e a comunidade no geral acompanhavam de perto todo o processo de morte e morrer de uma pessoa.

A camada social que compunha o seguimento de pessoas detentora de poder aquisitivo em Matriz de

Camaragibe era formada em sua maioria pelos donos de engenhos que residiam na cidade ou parentes, comerciantes, políticos e autoridades das três esferas de poder constituído, também por funcionários públicos do estado e do município.

Outras práticas que caracterizavam as diferenças sociais em torno do processo de morte e morrer em Matriz de Camaragibe nesse período ocorriam durante os velórios e principalmente nos enterros como relatam nossos entrevistados, entre eles a Sra. Mendonça, que destacou:

Quando uma pessoa de forte poder aquisitivo como comerciante, donos de engenhos, políticos e pessoas de boa condição financeira morria ia muita gente para o enterro, pois muita gente devia favores ou já trabalhou para o morto ou para a sua família ou trabalhava. Já em enterros de pessoas pobres o número era bem menor. Não tinha a presença de pessoas ricas e consideradas importantes, apenas os conhecidos e a família. Outra diferença está ligada a roupa que o morto era vestido, uma pessoa de boa condição financeira era vestida de terno, calça e camisa⁸.

As diferenças sociais em torno da morte ocorriam de muitas e variadas formas e em grande medida estavam ligadas ao poder aquisitivo das famílias. No relato a Sra. Mendonça é indicado que em vários casos o próprio moribundo participava da organização e preocupação com o seu funeral e quando percebia que estava próximo o fim da vida, devido ao agravamento da doença, e se era abastado, se tinha certo poder econômico e social, solicitava à família a compra da mortalha e até mesmo a compra do caixão. Diferente dos menos favorecidos econômica e socialmente que esperavam pelas doações da comunidade local para comprar o ataúde.

No caso dos homens era de praxe serem sepultados de terno e gravata e as mulheres de mortalhas comuns compradas ou confeccionadas por elas mesmas. Com relação às mortalhas, é possível perceber ao estudar a representação da morte em Matriz de Camaragibe em meados do século XX que variava segundo a condição social do morto de forma a identificar a posição social do mesmo, bem como, seu lugar na sociedade matrizense.

Já entre as pessoas de menor poder aquisitivo ou que não possuíam nenhum tipo de recurso financeiro ficavam a depender dos donativos feitos por vizinhos,

amigos e parentes em melhor situação econômica, assim como do caixão da intendência quando não era possível comprar o caixão e ainda a depender de “caridades” de políticos da cidade para velar e sepultar um ente querido.

Essas diferenças também se estendiam com relação ao tratamento dado pela própria Igreja Católica aos moradores de Matriz que no período estudado tinha sua sede paroquial na cidade de Passo de Camaragibe. A paróquia de Matriz de Camaragibe foi instituída somente no ano de 1972.

Nossos entrevistados citaram que o padre vinha à vila uma vez por mês para a celebração de uma missa e que na oportunidade realizava batizados de crianças. Feliz o moribundo que morria nesse dia, pois segundo nossos entrevistados se o mesmo se encontrasse na cidade e fosse comunicado da morte de um paroquiano, independente de sua classe social ele se prontificava a realizar os ritos eclesiais relacionados a morte, como a extrema-unção e encomendação da alma do morto, ritos de extrema importância para a mentalidade cristã, garantindo assim uma viagem segura ao além mundo.

Mas na ausência do pároco os ritos de recomendação da alma do morto e dos procedimentos religiosos durante o processo de morte e morrer eram realizados pelos fiéis da igreja, parentes, amigos e vizinhos do moribundo. No caso de pessoas pertencentes à elite local, o padre sempre comparecia ao seu velório independente se estivesse ou não na cidade para garantir a partida do morto debaixo das graças divinas. Diferente de casos de morte de pessoas comuns e pobres sem nenhuma influência social ou poder aquisitivo.

Dessa maneira, a morte expressa as concepções de mundo de uma dada sociedade e entre essas concepções de mundo são expressos as diferenças internas que permeiam o meio social e econômico de uma dada sociedade. Sendo assim, o modo como a sociedade matrizense vivenciava a morte no período aqui estudado reflete o quadro social e econômico no qual ela estava inserida.

Na “mentalidade” cristã, a hora da morte é decisiva para a alma do moribundo, pois é o período em que ele está sujeito a todo o tipo de tentação, em que seres sobrenaturais disputam a sua alma, é o momento em que a saúde espiritual do morto não depende mais

dele e sim dos que estão ao seu leito, ao seu redor, como bem explicitou Ariés (2003) em seus estudos na Europa pré-industrial.

Em Matriz de Camaragibe o velório era um dos momentos mais importantes da morte do moribundo. Conta a tradição (oral) que depois de concluída a morte vinham pessoas de diversas partes velarem o morto, rezar e assim proteger o morto de espíritos errantes que procuravam arrastar o mesmo para lugares indesejados após a sua morte. Portanto, os vivos deveriam garantir a segurança do defunto, velando por ele até o seu enterramento.

Para manter a proteção do moribundo através das rezas e orações, a família servia café, pão, bolacha e cachaça durante o velório e sentinela até a hora do enterro. As preocupações giravam em torno dos cuidados com o morto e as regras em torno do processo de morte e morrer como os rituais religiosos e culturais.

A prática de distribuição de comida e bebida alcoólica nos velórios em Matriz de Camaragibe tinha como objetivo, estimular a permanência de parentes e amigos do morto até a hora do enterro, prática essa baseada na crença de que o defunto sozinho era presa fácil para o demônio e seus exércitos.

Apesar da pobreza extrema na qual estava submetida a grande maioria dos moradores da cidade de Matriz de Camaragibe, havia um grande esforço para fazer do velório de um ente querido um evento que pudesse permitir a participação de toda a comunidade, principalmente familiares, amigos e conhecidos. Dessa forma, utilizavam-se de diversas formas de comunicação para avisar o acontecimento da morte de um membro da família, inclusive convites⁹.

Os cuidados com a perfeição dos ritos em torno da morte na segunda metade de século XX da cidade de Matriz de Camaragibe em grande medida significa uma forma de afastar os maus espíritos de perto do morto e a própria alma deste de perto dos vivos.

Outra preocupação estava relacionada às rezas e aos cânticos durante os velórios. Conta dona Mendonça que nos velórios as rezas aconteciam em forma de cânticos, a exemplo da ladainha de Nossa Senhora, também conhecida como litania, um modo muito simples e fácil de rezar na recomendação da alma do morto, mediante a distribuição de comes e bebes:

Logo que uma pessoa morria a família e os presentes na casa começam a rezar e quando chegava a meia noite era rezado o ofício de nossa senhora. As rezas eram em forma de cântico e aconteciam durante toda a noite de forma alternada por pessoas praticantes do catolicismo que pertenciam a um grupo de rezadores da Igreja formado por homens e mulheres. As rezas e cânticos ocorriam até a hora da saída do enterro. Durante a sentinela muitos bebiam cachaça e também a família oferecia pão, bolacha e café para as pessoas que passavam a noite na sentinela¹⁰.

A fala de dona Arlete é corroborada pela fala do senhor Aníbal quando perguntado se após a morte do moribundo havia alguma reza ou cântico específico:

Rezava-se e cantava-se em forma de verso a noite inteira até o amanhecer o dia, homens e mulheres. Era servido pinga pela família do morto e as pessoas que iam para o velório também levavam cachaça para a sentinela. Nem todos bebiam. A maioria era os homens que bebia cachaça na sentinela¹¹.

As rezas e sentinela ocorriam durante todo o velório, até a hora do enterro, de forma alternada por grupos religiosos da igreja católica que geralmente era formado em sua grande maioria por mulheres. Pontualmente a meia noite era rezado o ofício de Nossa Senhora pelos presentes como forma de recomendar a alma do defunto e preparação para o enterro. As rezas e cânticos ocorriam religiosamente até os últimos instantes do enterro, era uma prática comum, inclusive pelo fato da grande maioria ser praticante do catolicismo.

Havia uma preocupação com a posição do morto e a posição do caixão dentro de casa no momento pós-morte. Era de suma importância que os pés do defunto ficassem apontados para a rua. A partir da obra de Reis (1991) é possível estabelecer um significado, um sentido a essa prática à medida que afirma que, segundo nossos folcloristas, a posição correta do cadáver no espaço do velório era e receita certa de eficácia simbólica.

Em Matriz essa crença está atrelada a concepção de que se assim não acontecesse um parente do morto morreria. Portanto, a pessoa que tirasse o caixão de dentro de casa seria o mesmo que entraria no cemitério com o caixão, sendo que na saída da casa o caixão não poderia tocar a porta, todas essas crenças permeavam o imaginário da sociedade matrizense frente ao processo de morte e morrer ainda em meados do século XX.

O enterro e o luto são os últimos estágios dos ritos fúnebres. O enterro é o momento em que os vivos e os mortos se encontram pela última vez, é o momento em que não há mais como negar a partida do ente querido. O enterro em Matriz de Camaragibe no período estudado era um acontecimento social importante mediante o esforço empenhado das famílias do defunto em proporcionar uma partida em ritmo de festa com muita comida e bebida independentemente da condição social, pois o que prevalecia de fato eram as concepções e representações em torno da morte.

Os enterros em Matriz de Camaragibe eram marcados por práticas e regras que já não são mais vistas nos dias de hoje, como, por exemplo, a prática de rezar e cantar durante todo o percurso do cortejo do caixão até o cemitério. Bem como, os cuidados com a posição do morto na hora da saída e entrada no cemitério.

Essa concepção de morte, essas crenças em torno da morte, os valores éticos, morais e religiosos aos poucos vão se dissipando e com o tempo desaparecendo. Praticamente já não são mais vistos, a exemplo do luto que se caracteriza por um conjunto de regras que em fins do século XX já estava em desuso.

Como bem observou Reis (1991), o luto doméstico seguia uma série de preceitos com múltiplos sentidos, expressar prestígio social, mostrar dor, defender a família enlutada de um retorno do defunto. Em Matriz de Camaragibe no período estudado, o luto era indispensável e vivido de forma intensa pela família do falecido. Fazendo uso do relato de dona Arlete, podemos dizer que após sete dias da morte e enterro de uma pessoa, os amigos do falecido realizavam na casa onde ele morou uma reza do terço e ladainha de Nossa Senhora¹².

Os familiares seguiam as regras do luto com muito respeito e muito cuidado. Assim como trata Reis (1991), as famílias de Matriz à época, após a saída do enterro, procuravam apagar os rastros de morte em casa. As roupas do defunto, especialmente suas roupas de cama e o colchão eram destruídos ou jogados fora, cuidados ao varrer a casa em fechar as portas durante oito dias para evitar o retorno do morto. Eram cuidadosamente tomados e respeitados pela sociedade local.

Outro aspecto vivenciado pela sociedade matrizense no período está ligado às vestimentas e

variava de acordo com o grau de parentesco. Conta a tradição expressa nos relatos de nossos depoentes que em caso de morte de pai, mãe ou cônjuges usavam roupas pretas durante um ano precisamente e de forma rigorosa, inclusive a roupa íntima, a essa forma de luto denominava-se luto fechado. Morte de filhos, os pais usavam roupa preta em sinal de luto durante seis meses. Para os demais parentes como sogros, genros, noras, irmãos e cunhados o luto era de quatro meses. Tios, sobrinhos, primos e irmãos dois meses.

O enterro e o luto em meados do século XX foram vivenciados de forma intensa. Ao longo de nossa pesquisa percebemos que essas práticas preservam muitas características do período colonial, especialmente com relação às regras do luto, pois, segundo a legislação civil colonial, o luto devia ser usado durante seis por cônjuges, pais, avós e bisavós, netos e bisnetos. Durante quatro meses por sogros, genros e noras, irmãos e cunhados (REIS, 1991).

Assim se dava o processo de morte e morrer ainda no século XX, atravessado por misticismo e crenças que estavam atreladas às tradições coloniais, que vieram perpetuando ao longo dos anos, mas que hoje quase não encontramos referências a essas práticas como deixaram claro nossos entrevistados. A morte hoje não atrai as pessoas como atraía na Idade Média ou no Brasil dos oitocentos, ou como acontecia em Matriz entre 1930 e 1970 em que a morte despertava o sentimento de solidariedade, de fé, de respeito e amor ao próximo.

Hoje a morte é vivenciada de forma solitária, as pessoas são relegadas quase sempre aos hospitais, longe dos parentes e amigos, morrendo de forma solitária, sendo, muitas vezes, impedidos de receber visitas da própria família. Como bem assinalou Áries (1981), a morte, outrora tão presente, de tal modo familiar, vai se desvanecer-se e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de um interdito.

A morte hoje é vista como a ruína do homem, um tabu em que as pessoas temem e tremem ao ouvir falar do assunto. Uma morte que atira o homem ao mais terrível dos sentimentos, o medo de ser esquecido, de não ser lembrado e que faz sofrer aquele que está em vias de partir atirando-o, como bem pontua Norbert Elias (2001), na solidão dos moribundos.

Notas

1 A povoação se formou à margem do rio Camaragibe e em torno da igreja local, e por essa razão foi chamada Matriz do Camaragibe. Paralelamente foi surgindo o povoado Passo, nome oriundo do fato de ser ali o ponto em que o rio oferecia mais fácil passagem aos que vinham da Capitania de Pernambuco para Alagoas, segundo uns, ou motivado pela existência de um grande armazém onde se depositavam os gêneros para embarque, comumente chamado passo, segundo outros. A sede do município foi transferida para esse povoado, passando a se chamar Passo de Camaragibe. Já foi, também, chamada simplesmente Camaragibe. Passo de Camaragibe tomou parte nos acontecimentos históricos da invasão holandesa. Após a morte de Calabar, tornou-se ponto estratégico fortificado, a fim de impedir as comunicações com o sul. No seu território encontravam-se as forças de Dom Luiz Rojas e Borja e as de Arkchoff, em 1936, morrendo aquele valoroso cabo de guerra, assassinado pelos seus próprios comandantes, aos quais tratava com excessivo rigor, depois da invasão holandesa tornou-se um ponto estratégico e local ideal para as comunicações entre norte e sul. Em 1852 foi elevada a vila, e cidade em 1880, através da Lei n. 842.

2 Parágrafo construído a partir da entrevista da Sra. Arlete Mendonça, de 79 anos de idade, domiciliada em Matriz de Camaragibe-AL, concedida ao autor em 8 de maio de 2012.

3 Cf. Depoimento da Sra Arlete Mendonça, aposentada, 79 anos de idade, domiciliada em Matriz de Camaragibe-A, concedido ao autor. em 8 de maio de 2012.

4 Cf. Depoimento da Sra Arlete Mendonça, já mencionada.

5 Caixão comunitário que servia para levar ao cemitério o corpo das pessoas mais pobres, dos indigentes, daqueles desfavorecidos da sorte cujas famílias não podiam adquirir um caixão para enterrá-lo, mesmo dos mais baratos. Chegando ao cemitério, na beira da cova, o defunto era retirado do Caixão da Misericórdia, que recolhido por um servidor municipal era logo guardado e o morto envolto em esteiras ou redes, era lançado na cova.

6 Parágrafo construído a partir da entrevista da Sra Arlete Mendonça, de 79 anos de idade, domiciliada em Matriz de Camaragibe-AL, concedida aos autores em 8 de maio de 2012.

7 Parágrafo construído a partir da entrevista do Sr. Isaias Arruda, de 70 anos de idade, domiciliado em Matriz de Camaragibe-AL, concedida aos autores em 8 de maio de 2012

8 Cf. Depoimento da Sra Arlete Mendonça, já mencionada.

9 Cf. Depoimento da Sra Arlete Mendonça, já mencionada.

10 Cf. Depoimento da Sra Arlete Mendonça, já mencionada

11 Cf. Depoimento da Sr. Aníbal Juvêncio dos Santos, aposentado, 73 anos de idade, domiciliado em Matriz de Camaragibe-AL, concedido ao autor em 3 de abril de 2012.

12 Parágrafo construído a partir da entrevista da Sra. Arlete Mendonça, de 79 anos de idade, domiciliada em Matriz de Camaragibe-AL, concedida aos autores em 8 de maio de 2012.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ARAÚJO, Osmar Ribeiro de SANTOS, Sônia Maria dos. História oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 6, p. 191-201, Jan./Dez. 2007

ARIÉS, Philippe. **Sobre a história da morte no ocidente: desde a Idade Média**. Rio de Janeiro: Teorema, 2003.

_____. **O Homem diante da Morte**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MENDONÇA, Claudio José Trindade. **Matriz de Camaragibe: Sua história**. Ponta Verde: Edições Catavento, 2004.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.